

RUI PEREIRA
O Tarólogo dos Famosos



Tarot Energético

*Descubra como usar a energia
para orientar o seu futuro*

Índice

Prefácio	6
1. Considerações do autor.	9
2. Tarot Energético	25
3. Constituição do Tarot Energético e o significado de cada carta	27
4. Interpretação e palavras-chave das cartas	181
5. Procedimentos para a consagração do baralho	200
6. Responsabilidades ao utilizar o baralho	201
7. Métodos de lançamento	203
8. Anjo para cada dia do ano	230
9. Em busca de si... encontre-se por fim	250
Sobre o autor	253
Bibliografia	255

Prefácio



Meu amigo Rui,

Escrevo esta carta aqui do outro lado do Atlântico pensando em tantas coisas boas sobre você, sobre a força que o nosso trabalho tem de unir, compartilhar e edificar o bem!

Penso em seu coração generoso, grande e pronto para abraçar o mundo sempre com luminosidade própria e especial.

Sua dedicação ao próximo é algo que me comove porque é natural em sua alma. Você cumpre seu destino com garra, ousadia e, acima de tudo, com a compaixão dos sábios e isso é muito bonito.

Nos últimos dias venho estudando o *Tarot Energético* e fico feliz de poder contribuir para esta nova edição, revista e ampliada, que há tempos faz parte dos seus projectos de vida.

Sei o quanto é difícil escrever, publicar — tornar uma ideia em obra, sobretudo num mundo onde são raras as pessoas que aplaudem o sucesso de quem merece.

Mas o bem sempre vence, o mal não pode prevalecer.

Seu *Tarot Energético* é leve e profundo, delicado, precisa circular entre todo o planeta para curar, orientar, mostrar

caminhos, revelar a vida de quem necessita de ajuda e motivação, espalhar boas energias, um mensageiro da serenidade.

Como estudioso dos oráculos e da espiritualidade, sei que nada acontece por acaso e que na vida tudo e todos estão entrelaçados por um fio misterioso e invisível que acredito ser o destino, a sina dos encontros.

Foi através da sua intuição, persistência e determinação ao se enamorar pela carta do Coração, do *Tarô Cigano*, que há anos tenho editado no Brasil, que nos conhecemos formando um laço divertido e verdadeiro de ajuda mútua.

Sou e serei eternamente grato por você se esforçar tanto para manter viva essa corrente de aprofundamento entre saberes do Brasil e de Portugal, e vice-versa, e da qual muito me orgulho fazer parte.

Fernando Pessoa, poeta de todos nós, me ensinou a amar e beijar o Tejo como minha segunda pátria, fazer amigos para além-mar e me despertou para a poesia dos meus dias como uma rosa dos ventos encantada.

E foi a escrita insone e luminosa dele que me trouxe até aqui. Pessoa, certa vez, escreveu:

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.»

Você seguiu esses versos como estrela-guia e se fez nascente para o Universo e deu vida à vontade dos deuses: criou e executou esse belo trabalho.

Muito obrigado por compartilhar seus conhecimentos, sua alegria e sua amizade.

Que você tenha dias ensolarados e felizes e que nunca lhe falte a coragem e a sabedoria para desbravar

estradas e fazer deste nosso mundo um lugar de sonho e de esperança!

Que Iemanjá e Obatalá e todos os deuses bendigam a sua história.

Com afecto,

André Mantovanni

São Paulo, janeiro de 2021

1. Considerações do autor



Tudo o ser humano transporta no seu cérebro, sem se aperceber, um «minicomputador», onde diariamente, a cada segundo da sua vida, vai registando factos, sensibilidades, pensamentos negativos e positivos que constituirão as suas recordações. De acordo com a sua espécie e natureza, vão nascendo «padrões» que nos transportam e permitem desenvolver directrizes que, mais cedo ou mais tarde, comandam a nossa vida. Felizmente nem tudo é negativo, porque também criamos energias benéficas. Todos estes padrões colocados na nossa mente transportam para o livro interior, o nosso «ego», atitudes que se reflectem no comportamento diário e nos criam amarguras, infelicidades, e nos levam a trilhar caminhos tantas vezes desagradáveis, e de tal forma perigosos, que nos criam bloqueios, nos deprimem, nos impedem de raciocinar com limpidez e até corremos o risco de alguns órgãos internos sofrerem fisicamente outros males.

A nossa mente tem uma força muito grande sobre nós próprios e permite que se estenda a tudo o que nos rodeia. É por isto que considero que devemos ter muito cuidado com as nossas vontades e tentações, sobretudo

quando são negativas. É necessário apoiarmo-nos em pensamentos mais optimistas, desviarmo-nos dessas influências, esforçando-nos por recusar tais vibrações. É útil e importante apoiarmo-nos noutras forças, adquirir energias mais satisfatórias para melhorar o nosso interior espiritual e actuarmos da mesma forma com quem nos acompanha.

O nosso interior expande-se a tudo e a todos. Temos de acreditar em nós próprios, crer que somos capazes de ultrapassar tudo, quando nos sentimos a «resvalar» para qualquer pensamento menos aconselhável, ou quando nos sentimos puxados para algo que noutras circunstâncias repudiaríamos. Mas, reconheço, ninguém tem culpa. Também sofremos o impacte do meio ambiente em que vivemos porque absorvemos todos os fluidos transmitidos pelos outros. É preciso energia e muita vontade para o equilíbrio do nosso pensamento. É necessário ser capaz de dar a volta ao contrário. O nosso espírito consegue, com o auxílio de energias positivas, que sejamos capazes de criar e vencer todos os obstáculos.

É na dor e no sofrimento que o Homem evolui! É um facto! Também temos o poder de usar a nossa mente da melhor forma para alcançarmos um melhor equilíbrio, para não batermos no fundo do poço. A nossa existência no planeta merece mais e melhor. Sempre que se queira e se possa devemos dirigir-nos aos amigos, ou a alguém com condições espirituais superiores, para que nos ajudem a fugir dos medos e dos pânicos que tantas vezes nos assolam.

Acredite em si, na sua força, no seu poder interior. «Ele» muda tudo, e se soubermos aproveitar a energia positiva que temos seremos conduzidos à alegria e ao bem-estar.

Quando descobri o mundo

Nasci em Julho. Podia ter nascido em qualquer outro mês, mas quis o destino que o dia quente de Verão em que vim ao mundo tivesse uma noite de estrelas cintilantes. Apesar do calor e do brilho dos dias, não foi fácil romper a barreira do nascimento, como se quisesse para sempre ficar dentro do conforto de uma barriga. E, se dúvidas houvesse, o facto de ter agarrado o cordão umbilical, apertando o pescoço, fez com que todo o pessoal médico do hospital fosse impedido de almoçar. Não queria que me faltasse o ar, mas também não queria mudar de poiso. E foi por isso que chorei sem parar, protestando contra todos os que me tinham retirado do bem-bom. Depois ambientei-me. Já cá estava e a família que me recebia em euforia era composta por gente simples, mas boa, de gente trabalhadora e generosa, que me acolheu num berço cheio de amor.

Mas o destino é ao que chamamos sucessão de acontecimentos. O que tem de ser, como diz a minha mãe. E em pouco menos de três anos passei a ter companhia lá em casa. Nasceu a Joana. Com o impacte de um problema de saúde, não percebi logo porque é que a atenção que tinha passava agora de mãos e era dada àquela menina frágil.

Não foi fácil deixar para trás três anos de muitos mimos, de olhos postos apenas em mim, quando surgiu uma irmã. Só mais tarde percebi que o problema com que nascera era o motivo da absorção dos meus pais. Tinha poucos anos mas fui crescendo a ver a tristeza no rosto da minha mãe, o desgosto no sorriso do meu pai e as expressões da família a manifestarem que algo grave se passava. A minha mãe não conseguia disfarçar, mas, embora sentisse o quanto me amava, era por demais visível a sua preocupação. As lágrimas escorriam muitas vezes sem avisar, a qualquer hora e em qualquer lugar. Pensava, sempre que a via chorar, que um dia queria ter o poder de lhe secar as lágrimas e lhe devolver um sorriso, pensava sempre que um dia Deus lhe daria algum grande presente, porque ela merecia!

De tanto sentir a dor precisei de colo, de um colo quente, de um abraço doce, de um olhar de ternura, e sem ter de procurar encontrei abertos os braços da minha avó materna. Mais do que uma mãe, mãe duas vezes, a minha avó ansiava por me dar o que tinha perdido nestes anos de luta contra a doença da minha irmã e, por isso, apesar de ser uma mulher sofrida e carente, a união entre nós transformou-se numa bênção inesperada. Parecia que o Universo nos recompensava, aos dois, pelas perdas a que tínhamos direito e decidira juntar-nos de um modo único. Completei-me naquele colo, bebi as suas palavras e aprendi que quando Deus nos fecha uma porta nos abre sempre uma janela. Ainda que nunca tivesse escutado semelhante frase, intuitivamente sentia que o sentido da vida se refazia dia a dia!

Volto atrás no tempo e recordo que me sentia uma esponja, captando tudo e observando todos. Tinha poucos anos de vida, mas sentia-me maior. Tinha a noção clara dos sentimentos dos outros, avaliava sem surpresa as reacções e do nada deixava muitos adultos surpreendidos. Apesar disto, nunca deixei que essa capacidade funcionasse contra a minha mãe. Sabia que já sofria o suficiente por me ter deixado com a minha avó Adélia, e tudo o que não queria era adensar a dor de a ver dividida entre dois filhos que amava. Os dias passaram e o tempo encarregou-se de serenar a doença da minha irmã, fazendo com que o equilíbrio voltasse à casa que me viu nascer. A Joana ficou e é hoje a prova viva de que a esperança, a oração e os pensamentos positivos têm o seu retorno. A doença congénita não desapareceu mas a vida corre normal, apoiada nos ditames da ciência e no apoio de todos os que a amam!

Não acredito que, apesar de todos estes episódios dolorosos, a minha diferença tenha nascido como uma consequência. Sempre me senti diferente. Preferia olhar em vez de me aproximar dos outros, não partilhava muitas das brincadeiras da idade, não esfolava os joelhos como todos os outros, não exteriorizava sentimentos, não dava largas à imaginação das traquinices... Ao invés, «bebia» as conversas e a sabedoria dos crescidos. Na escola procurava a companhia das educadoras, mostrava ser ansioso, triste, mas muito perspicaz. Sei que deixava todos preocupados por não me encaixar de forma fácil no mundo infantil e percebia que a minha sensibilidade e a minha intuição despertavam a curiosidade e a atenção de todos os que

me rodeavam. O passo seguinte foi a ida a várias consultas com psicólogos, que nunca encontraram uma explicação clínica. Diziam eles que a minha mãe não devia insistir mais porque eu aparentava ser um menino igual aos outros, normal, dentro dos parâmetros da idade. A única diferença que relatavam, e diziam ser uma coisa boa, era a minha vontade de querer saber sempre mais. Queria respostas às dúvidas que tinha. Sentia que se passava alguma coisa, que dentro de mim se faziam revoluções constantes, que o meu corpo lutava às escuras com o desconhecido. Ninguém me respondia ao que eu queria saber. Mas quando tinha mais ou menos 7 anos, numa visita por um acaso ao escritório do meu avô paterno, comecei a encontrar algumas respostas e explicações para o meu estado interior. Percebi que muitas pessoas chamavam ao meu avô «curandeiro» e, embora não tivesse autorização para entrar no seu «consultório», isto aumentou muito a minha curiosidade por causa de tudo aquilo que vi. Santos, santinhas e imagens deixaram-me fascinado. Sentia a minha sensibilidade ampliada, perseguia-me um choque eléctrico em todo o corpo e uma adrenalina que me empurrava para aquele lugar. Bem-estar era mesmo o que sentia e a tranquilidade invadia-me totalmente, levando a desejar estar mais vezes ali!

Estava feliz, queria voltar sempre, mas ouvia muitas vezes um não do meu avô, que não desarmava na atenção que me dedicava, mas escondia-me tudo o que fazia com as clientes que por ali entravam. Queria saber como era, o que fazia, o que lhes dizia, por isso tive de me

esconder muitas vezes no seu escritório para entender tudo. O «curandeiro» sabia ouvir e ajudava quem o procurava. Era sempre uma casa cheia de gente «faminta», na esperança da resposta objectiva e amiga, da partilha que ele dirigia a todos. Entendi muito mais tarde que o meu avô José era espiritualista e que, apesar das minhas entradas furtivas no seu espaço, as inquietações nocturnas que me assolavam e os sobressaltos que me agitavam não traziam tranquilidade aos meus pais. Voltava ao médico muitas vezes, sem motivo visível, sem razão que se entendesse, e a resposta era sempre a mesma: «Está tudo bem!»

A minha mãe tinha recebido um «aviso», quando estava grávida, de que na sua barriga carregava um «bebé diferente». Sem perceber muito bem o que o meu avô lhe dizia, deu pouca atenção às palavras mas ficou sempre com a frase no pensamento. A «previsão» foi difícil de aceitar, quando, aos poucos, se revelavam e confirmavam os detalhes. Ninguém me prestava atenção, as perguntas ficavam suspensas e isso só me empurrava para uma maior curiosidade. As noites transformavam-se em viagens agrestes, cheias de medos contínuos, de monstros e cenários sem descrição, por isso recusava ficar sozinho na cama. Luzes, muitas luzes, algumas imagens, que poderiam ser vultos que eu não sabia identificar, rodeavam-me a cada segundo e isso deixava toda a família em alvoroço. Toda menos o avô José. Ele sabia tudo. Mas continuava a não permitir que entrasse no seu local de trabalho, embora eu teimasse, sempre que podia, refugiar-me naquele espaço de sossego. Recordo-me de que num dia de Outono, triste

como a própria estação do ano, me senti diferente, muito só e desanimado, e num inexplicável impulso fui movido por uma força súbita. Entrei no gabinete do avô Zé, subi a um móvel e perante tantas imagens pedi, no meu pedido de criança, que só uma delas me ajudasse. Fechei os olhos e meditei. Quando os abri, não sei quanto tempo passou, vi na testa de S.^{ta} Rita de Cássia um espinho cravado que resplandecia. Fiquei maravilhado! Tranquilo...! Estava envolvido num manto de luz. A partir daquele instante passei a ser outra criança. Tinha somente 8 anos. Estava certo o «aviso» do meu avô.

Adolescência

Estava em desenvolvimento e sentia crescer a minha espiritualidade. Sentia-me confortável com o que vivia quando aconteceu um novo episódio. Uma noite, sozinho no meu quarto, deitado na cama e a dormir profundamente, fui repentinamente acordado e vi a imagem de uma mulher de estatura mediana, postura firme e forte, envolvida por uma névoa que mais parecia um vulto, vestida de escuro, cabelo penteado para trás em forma de carrapito e o colo repleto de muitos colares e fios, vistosos e coloridos. Ainda hoje me recordo de todos os pormenores da imagem e do que sucedeu depois, como se estivesse a viver de forma eterna aquele momento. A mulher tinha numa das mãos um leque de cartas e só mais tarde percebi que se tratava de uma mulher cigana. Apenas senti medo, um

medo imenso, e mergulhei nos lençóis azuis da cama. Mas rapidamente reconsiderarei e senti mais uma vez que estaria a receber outro «aviso espiritual».

Era o meu primeiro contacto com as cartas e, no entanto, com este chamamento achei que devia aproximar-me daquilo de que ouvia falar: as ciências ocultas. Nesta fase da minha vida impus a mim próprio cumprir algumas tarefas com rigor para conseguir os meus objectivos. Afincadamente, entreguei-me à escola e ao estudo, e consegui obter as habilitações necessárias para ultrapassar os anos lectivos com bom aproveitamento. Em paralelo, sem nenhuma distração do avô José, que me acompanhava e seguia sem dar nas vistas, em silêncio mas atento, conduzia-me a variados locais do meu interesse que ele achava correcto e apropriado para o meu desenvolvimento espiritual. Crescer e ambicionar são elementos que perseguem o ser humano. Eu não podia deixar passar ao lado essas sensibilidades. Quanto mais me integrava em determinados ambientes, mais sentia necessidade de conhecer outros. Era exigente comigo próprio. O reverso da medalha é que quanto mais estradas percorria mais caminhos encontrava para desbravar.

Alguns meses depois, muito poucos, entrei propositadamente numa livraria. Numa estante muito grande encontrei os mais variados tipos de cartas de tarot. Distinguiu-se o baralho cigano. Fiquei pasmado! Num impulso escolhi um desses, influenciado, provavelmente, pela visão recebida em criança. Aquilo era-me familiar...

Chegado a casa deitei as cartas na mesa e, no primeiro contacto com elas, verifiquei que nada me era estranho. A partir deste momento as minhas cartas eram guardadas religiosamente na mesa de cabeceira ou debaixo da almofada e, intuitivamente, comecei a receber as informações de toda a sua identificação e leitura.

Na sequência dos dias e das noites, começa a desenrolar-se a facilidade com que lia e manuseava as cartas. Tudo era parte de mim. Fazia a leitura com muita experiência. Nunca mais me esqueci daquele vulto de mulher e quando me preparava para as ler evocava sempre a cigana que «conheci». Ainda hoje conservo o baralho na minha mesa de trabalho, já velhote pelo uso que lhe tenho dado, mas fazendo parte integral daquilo que sou.

Não fugi à regra da vida e, neste constante rodar, «infiltei-me» no espiritismo. Com muito trabalho e aplicação, também fiz vários cursos e, aos poucos, fui deixando entrar em mim uma influência de ambientes, horizontes e novas culturas, e rumei até ao Brasil.

Os amigos que me acolheram deram-me alento para continuar e alguns meses depois assisti a práticas totalmente diferentes daquelas a que estava habituado. Entrei nos «mundos» de umbanda e candomblé. Convivi com pessoas extraordinárias, de grande humildade e enorme espiritualidade. Desenvolvi novas técnicas de tarot e conheci a Corte Cigana e a Corte Africana. Tudo me fascinou. Assisti a cultos de terreiro e constatei que as forças energéticas têm mais calor, são mais potentes. Em todo este ambiente há uma participação de grupos com grandes

potencialidades espirituais. Sente-se essa corrente facilmente. É necessário entregarmo-nos e é tudo muito diferente das culturas europeias. A mística tem outro poder. Estas práticas já são utilizadas noutros países, mas no Brasil o Divino solta-se em qualquer espaço de terreiro, as forças esotéricas fazem-se sentir com grande intensidade. Não podemos esquecer que o Brasil é um dos países mais desenvolvidos nas energias da natureza e é, por isso, um país onde esta cultura existe desde os tempos mais remotos. A crença e a fé expandem-se e transmitem-se de forma muito intuitiva e a doutrina dos «pretos velhos» conta ao mundo a sua vivência e o sofrimento enquanto escravos. Tocou-me particularmente a homenagem que se lhes presta. É o respeito que se deve a tanta simplicidade e dor.

De regresso a Portugal, fiz questão de entrar no mercado de trabalho, na área da restauração, mas mesmo com horários a cumprir nunca neguei qualquer pedido às pessoas que me procuravam para fazer a leitura das cartas. E, dia após dia, tinha uma quantidade de pacientes a consultarem-me. Perante tantas solicitações foi necessário tomar uma nova decisão, porque o dia tornou-se demasiado curto para desenvolver tanta energia.

Vida adulta

Já apto para assumir a responsabilidade de efectuar qualquer «consulta», resolvi abrir um espaço onde praticava terapia reiki e consultas de tarot. Tornei-me conhecido

graças ao passa-palavra e foi crescendo a lista de gente que me procurava. Por algum motivo que desconheço, apareceram muitas mães aflitas que procuravam solução para os problemas de saúde dos filhos. Recordo um bebé de seis meses atingido por paralisia cerebral que recebia benéficamente as terapias que lhe aplicava à base de reiki e de muitas «benzeduras» orientadas por «entidades» que me acompanhavam. Como todos sabemos, esta terrível doença é incurável; contudo, este menino obteve relevantes melhoras. Muitas pessoas com problemas psíquicos aproximavam-se de mim no sentido de se libertarem de algo negativo. Pretendiam que eu as ajudasse. Utilizando as mesmas práticas, ia, no meu dia-a-dia, laborando e crescendo cada vez mais. Preenchia o tempo com sessões atrás de sessões e, uma vez mais, fui atingido num acto de benzedura com a imagem de um velhinho preto, curvado, de bengala numa das mãos e na outra usando um terço. Estava a receber ajuda espiritual e mais conforto para melhor benzer, e dar maior ajuda à paciente. Era, portanto, um «guia» de origem africana. Após este acontecimento entrei numa loja de artigos esotéricos — de umbanda e *santeria* — e encontrei a imagem do velhinho que me procurou. Adquiri a imagem do «Pai Joaquim de Angola». Tinha sido, afinal, o meu guia espiritual, que me acompanhou na benzedura da paciente acima referida. Este preto velho está hoje no meu altar e dali não mais sairá!

Nas orações, sempre que evoco este preto velho, Pai Joaquim de Angola, escuto o pedido de tabaco e aguardente, as oferendas de que precisa e gosta, e satisfaço-o.

Na investigação que efectuei, li livros, muitos livros, de origem brasileira e relembro um autor — António de Alva — que me preencheu e agudizou a minha ânsia de saber cada vez mais. Constatei, mais uma vez, como nasceu esta religião constituída por homens pretos escravizados, sofredores e dominados até à morte, que se tornaram, depois de purificados, o amparo de quem os procura e neles confia.

No meu dia-a-dia de trabalho e nas orações que faço tenho presente no meu espírito esta falange, que me ajuda e que evoco nas benzeduras porque sinto-os como meus guias espirituais.

Continuo a ser procurado nas consultas de tarot e na leitura que faço, nas cartas evoco sempre as minhas entidades ciganas, constantes elementos de ajuda. Neste desenvolvimento espiritual procuro estar atento aos avisos e nestas evoluções tem-me sido dito quais os caminhos a percorrer. Desta maneira fui «avisado» de que devia deslocar-me à Venezuela para conhecer a doutrina conhecida como *santeria*. É uma religião das mais antigas do mundo, originária da Nigéria, tendo entrado nos continentes americano e africano através de Cuba. Como qualquer outra religião, doutrina-se pela adoração a divindades de que o ser humano precisa e em que acredita para fortificar e fazer evoluir a sua espiritualidade.

Esta religião assenta na vivência dos escravos. Durante séculos praticou-se a escravatura no mundo e, de forma deprimente, o escravo era considerado pelo homem branco como um simples animal de trabalho, para servir o seu senhor nas actividades pesadas, duras, e sem

direito a qualquer privilégio. O homem branco era o seu «dono». Quando este não estava satisfeito, o escravo era vendido em praça pública, acorrentado e analisado pela sua compleição física. Era simplesmente um elemento de trabalho. Qualquer ser humano necessita de protecção e agarra-se à vida para acreditar em qualquer «coisa» que a sua sensibilidade lhe dê, e procura uma resposta na cultura e nas tradições dos seus antepassados.

Os escravos de que estou a falar sentiram que os seus «proprietários» estavam a impedir o uso das suas tradições, da sua cultura e da manifestação religiosa que eles conheciam dos seus predecessores. Era expressamente proibida a evocação de qualquer divindade ou de qualquer atitude que simbolizasse o seu Deus; quando se desconfiava de alguma prática religiosa eram presos a um tronco, chicoteados e maltratados até à morte. Foi necessário aos escravos usarem a sua inteligência e conseguiram enganar o homem branco. Criaram equivalências entre os seus deuses — «orixás» — e as divindades que os seus patrões adoravam e homenageavam. Desta forma, toda a sua espiritualidade se cultivava e desenvolvia, passava-se de boca em boca, de geração em geração. A *santeria* é também um processo de adivinhação e de «limpeza espiritual». Estes rituais são altamente secretos. Quando entrei na Venezuela e contactei com esta religião tive absoluta necessidade de ser membro dela, mas para ser integrado fui submetido a uma consulta com leitura de búzios e revelação de mensagens pelos orixás, dizendo se podia ou não ser aceite na *santeria* cubana.

Fui considerado como estando em condições espirituais de integração. A esta situação seguiu-se um processo de iniciação, tendo-me sido atribuídos dois padrinhos — uma senhora de nome Irene Nagla (santeira AFOLABI) e um padrinho, de nome Carlos Hernandez (santeiro ESHU-BI). Depois, na qualidade de iniciado, assisti a uma cerimónia que jamais esquecerei. De olhos vendados, totalmente vestido de branco, de colares coloridos representando os orixás, assisti a um ritual de evocações espirituais, cânticos religiosos e o rufar de tambores e outros instrumentos como a maraca, com musicalidades muito fortes. Em simultâneo fizeram-se oferendas às divindades. Foi-me atribuído um nome de santeiro — Coroa das Águas Azuis (ADDE OMI ARO). Com mais esta purificação, que significa renascer para a vida, encontro-me mais protegido para os meus projectos, para as metas a que me propus alcançar no planeta onde habito. Pessoalmente sinto-me transformado espiritualmente, em condições de partilhar com os outros os meus conhecimentos num sentimento de ajuda, generosidade, amor e compreensão. Não posso deixar de revelar o carinho, a humildade, a amizade e as variadíssimas atenções com que fui tratado. Senti mesmo o acompanhamento que se atribui a uma criança que acaba de nascer. A todos deixo escrito o meu reconhecimento.

Nesta minha vivência de querer ajudar os outros, com a minha vocação e os meus conhecimentos nesta área, já tive algumas experiências televisivas. A primeira foi quando aceitei o desafio para ser o tarólogo das «estrelas» numa

das festas de Verão da TVI, realizada no Algarve; a este convite, quase de imediato, seguiram-se outros para participar em programas onde consultei vários artistas; depois, em 2017, apresentei A Vida nas Cartas — O Dilema, na SIC, onde fazia consultas em directo e dava previsões diárias para todos os signos do zodíaco; e ainda participei no programa Grandes Manhãs, no Porto Canal, onde dava voz a uma rubrica sobre as previsões para cada signo.

E é neste pequeno livro, e com este baralho que apresento, que pretendo chegar a mais pessoas. Criado por mim, carta a carta, este baralho transmissor de cor e energia, estabilidade e bem-estar, contém figuras próprias e cores bem fortes. É por isso que decidi chamar-lhe Baralho Energético, sendo parte integrante deste livro que «alinhavei» a pensar em todos os que precisam de encontrar a força e energia espirituais para percorrerem melhor cada dia das suas vidas.

2. Tarot Energético



Fazer a leitura do Baralho Energético é retratar, é «ver espelhada» em cada carta a alma de quem me consulta. É sentir a necessidade de usar a verdade. É sentir a responsabilidade de encaminhar, de «abrir a estrada da vida» de cada um e apresentar-lhe o «transporte» mais fácil, mais confortável, para esse percurso.

É útil estabelecer todo o paralelismo entre as «figuras» caídas na mesa de trabalho e partilhar essa linha de orientação com aqueles que me procuram.

Cada lâmina permite quantificar e qualificar os níveis físico, espiritual e emocional, considerando todas as energias cósmicas direccionadas aos objectivos pretendidos do consulente. Nem sempre, ou quase sempre, aquilo que nos preocupa, aquilo que pretendemos, corresponde ao período certo que pensamos e consideramos ser melhor. Este oráculo permite orientar nesses pormenores.

Não pense alguém que ler tarot é só um processo de adivinhação do futuro. Nada disso! É, sim, ajudar, através das cartas saídas, a ver qual o momento mais favorável, a melhor escolha da acção para avançar com tranquilidade, vontade e serenidade, o caminho que se depara para o paciente decidir em consciência. É preciso ser sério.

É preciso falar verdade e com verdade na orientação a transmitir. Ao paciente deve ser dada toda a informação, de forma clara e objectiva, sobre o significado de cada carta, mais propriamente do simbolismo e do valor de cada uma, isolada ou em grupo. Assim, o baralho será um elemento de confiança, resultando numa mais-valia para a condução na vida da pessoa que espera sentir a ajuda procurada.

Cada um de nós é influenciado por factores ligados à inteligência, à sensibilidade e às tendências, que nos obrigam a percorrer um caminho que julgamos possível conseguir; contudo, nem sempre é fácil lá chegar. É raro, muito raro mesmo, possuímos e sentirmos como nosso aquilo de que gostamos, todavia há possibilidades que não vimos, mas sentimos, que tornam viáveis os nossos objectivos — eis o Baralho Energético. Acredito nele! Por isso criei este baralho constituído por 50 cartas, de cores muito fortes, muito intensas, com imagens bem defendidas, representando cada uma elementos do nosso quotidiano. Há cartas inovadoras. Há cartas de transparência tão imediata que permite a qualquer cartomante avaliar muito rapidamente a leitura de vida da pessoa que nos procura.

3. Constituição do Tarot Energético e o significado de cada carta



O Tarot Energético é composto por 50 cartas e, sendo diferente da estrutura do tarot convencional, não se subdivide em grupos ou naipes, que passo a identificar na seguinte ordem:



0



Iemanjá

«Carta protectora do baralho»

Esta lâmina representa a Deusa dos Mares. Mulher formosa, de beleza invulgar, simboliza a esperança e a salvação. Protege no amor, na pureza e na alegria. Iemanjá gosta da limpeza, dos cheiros do mar, da natureza e de aromas de flores. Iemanjá é considerada a mãe mais forte de todos os orixás, sejam eles fortes ou suficientemente sensíveis. Aceita e ouve qualquer pedido de ajuda. Simboliza o poder feminino, é a força da natureza, que tem um papel muito importante nas nossas vidas, pois é ela que

rege os nossos lares, as nossas casas. É ela que dá o sentido da família às pessoas que vivem debaixo de um mesmo tecto. Ajuda a harmonizar a família e a colocar todos no bom caminho. Iemanjá é a geradora do sentimento de amor pelo ente querido, que vai dar sentido e personalidade ao grupo formado pelo pai, pela mãe e pelos filhos, tornando-os unidos.

No lançamento das cartas invoque sempre Iemanjá, colocando esta lâmina na sua mesa de trabalho como presença protectora.

Simbologia Essencial

Iemanjá é a rainha do mar, mãe de todos os orixás, representa amor, paz e pureza.

Filha de Olokum, soberano dos mares, Iemanjá tomou — ainda em criança — uma poção que a ajudaria a fugir de todos os perigos. Quando cresceu, a divindade casou-se com Oduduá, com quem teve 10 filhos orixás.

Reza a lenda que os seus seios tornaram-se maiores e mais fartos devido à amamentação de todos os filhos, característica que a envergonhava bastante.

Cansada do seu casamento, Iemanjá decidiu deixar o marido e partir em busca da sua felicidade. Após algum tempo apaixonou-se pelo rei Okerê, com quem viveu um período nada feliz. Contudo, a história revela que, um certo dia, após beber de mais, Okerê referiu-se aos seios de Iemanjá de forma grosseira, o que fez com que ela fugisse de novo, decepcionada.

Para escapar à perseguição de Okerê, Iemanjá usou a poção que o seu pai lhe tinha dado. Deste modo, a Rainha do Mar transformou-se num rio que encontra o mar.

Para recuperar a esposa, Okerê decidiu interferir no curso do rio, transformando-se numa montanha.

Só com a ajuda do filho Xangô (que abriu uma passagem no meio dos vales criados por Okerê) Iemanjá conseguiu seguir o seu caminho, tornando-se então na Rainha do Mar.

Esta é a carta protectora do baralho. Deve ser colocada na mesa de leitura para protecção, ou pode ser usada junto às outras na hora da consulta, fica ao seu critério.

Tarot Energético

«O Tarot Energético é leve e profundo. É um livro delicado, que precisa de circular por todo o planeta para curar, orientar, mostrar caminhos, revelar a vida a quem necessita de ajuda e motivação. Este Tarot é um mensageiro da serenidade.»

André Mantovanni, referência do Tarot no Brasil